
AS IMPLICAÇÕES DAS REDES SOCIAIS NA AUTOPERCEPÇÃO CORPORAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

*Juliane Reis Silva **, *Adriano Lopes de Souza ***, *Mayrhon José Abrantes Farias ****

RESUMO

Este estudo tem como objetivo mapear a produção de artigos científicos sobre a relação entre a autopercepção corporal e as redes sociais. Para tanto, desenvolvemos uma revisão sistemática de literatura, cuja busca foi realizada nos principais periódicos nacionais com Qualis-Capes B2 ou superior na área da Educação Física, a partir dos seguintes descritores: “Redes Sociais”, “Imagem Corporal” e “Corpo”. A amostra desta revisão sistemática é composta de 6 artigos. Os resultados demonstraram que as mídias sociais têm um papel de destaque na autopercepção corporal das pessoas, impondo-lhes a árdua tarefa de criar um corpo que se adeque a determinados padrões de beleza. Conclui-se que é fundamental promover uma espécie de educação midiática, combatendo a desinformação que, não raras vezes, é propalada nas plataformas midiáticas, a partir de imagens corporais idealizadas e irrealistas.

Palavras-chave: imagem corporal; corpo; redes sociais.

* Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). ORCID: <https://orcid.org/000-001-5459-7496>. Correio eletrônico: Julianereis7@outlook.com.

** Doutor em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Docente da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9217-044X>. Correio eletrônico: adriano.souza@ufnt.edu.br.

*** Doutor em Educação Física pela Universidade de Brasília (UnB). Docente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1641-1950>. Correio eletrônico: mayrhon.farias@ufma.br.

**THE IMPLICATIONS OF SOCIAL NETWORKS ON BODY SELF-PERCEPTION: A
SYSTEMATIC REVIEW**

ABSTRACT

This study aims to map the production of scientific articles on the relationship between body self-perception and social media. We performed a systematic literature review by searching the main national journals rated as Qualis-Capes B2 or higher in the field of Physical Education, based on the following descriptors: “Social Networks”, “Body Image”, and “Body”. Our sample comprises six articles. The results showed that social media plays a prominent role in people’s body self-perception, imposing the daunting challenge of developing a body that meets certain beauty standards. We conclude that it is essential to promote media education to combat the misinformation often spread on media platforms through idealized and unrealistic body images.

Keywords: *body image; body; social networks.*

**LAS IMPLICACIONES DE LAS REDES SOCIALES EN LA AUTOPERCEPCIÓN
CORPORAL: UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA**

2

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo mapear la producción de artículos científicos sobre la relación entre la autopercepción corporal y las redes sociales. Utilizamos una revisión sistemática de la literatura, donde la búsqueda se realizó en los principales periódicos nacionales con calificación Qualis-Capes B2 o superior en el área de Educación Física, utilizando los siguientes descriptores: “Redes Sociales”; “Imagen Corporal”; y “Cuerpo”. La muestra de esta revisión sistemática estuvo compuesta por seis artículos. Los resultados demostraron que las redes sociales tienen un papel destacado en la autopercepción corporal de las personas, imponiéndoles la ardua tarea de crear un cuerpo que se ajuste a ciertos estándares de belleza. Se concluye que es fundamental promover una especie de educación mediática, combatiendo la desinformación que no pocas veces se propaga en las plataformas mediáticas, a partir de imágenes corporales idealizadas e irreales.

Palabras clave: *imagen corporal; cuerpo; redes sociales.*

1 INTRODUÇÃO

O corpo é um ser multilíngue. Ele fala através da cor e da temperatura, do rubor do reconhecimento, do brilho do amor, das cinzas da dor, do calor da excitação, da frieza da falta de convicção. Ele fala através do seu bailado ínfimo e constante, às vezes oscilante, às vezes agitado, às vezes trêmulo. Ele fala com o salto do coração, a queda do ânimo, o vazio no centro e com esperança que cresce (Clarissa Pinkkola Estés).

Ao longo do tempo, a forma como o indivíduo percebe o próprio corpo enfrentou diferentes transformações e influências em decorrência dos contextos social, cultural, histórico e político. Assim, para entender os padrões de beleza, as convenções sociais e os recursos de poder que influenciam o indivíduo, é importante considerar que essa autopercepção varia de acordo com diferentes épocas e lugares (Grogan, 2008).

A sociedade contemporânea, por exemplo, é marcada pelo avanço tecnológico e pelo advento das redes sociais, como *sites* e aplicativos usados por pessoas e organizações para se conectarem a outras pessoas e compartilharem conteúdos e interesses comuns. Plataformas como *Instagram* e *TikTok*, nas quais o conteúdo visual predomina, amplificam essas expectativas ao incentivarem a postagem de fotos e vídeos que, frequentemente, passam por edições digitais antes de serem compartilhados, cujos corpos apresentados distam significativamente dos corpos reais da maior parte da população. Assim, o corpo conquistou um espaço público com a influência da mídia que o expõe em meios de comunicação, cultuando formas físicas entendidas como perfeitas e deturpando comportamentos intrapessoais (Santos, 2014).

De forma sintomática, observa-se que tal fenômeno midiático revolucionou as formas de comunicação e interação social entre os indivíduos, trazendo consigo impactos sobre a sua autopercepção corporal, isto é, o conjunto de sentimentos e pensamentos correlatos ao próprio corpo (Slade, 1994). Afinal, a presença de imagens e vídeos, muitas vezes alterados digitalmente, tem o poder de afetar a forma como indivíduos percebem seus próprios corpos, contribuindo para uma série de implicações psicológicas e emocionais, sobretudo para o público jovem.

Autores como Conti, Bertolin e Stela (2010), por exemplo, realizaram um estudo com 121 adolescentes de uma instituição de ensino para verificar a percepção desses sujeitos quanto à relação entre a mídia (especialmente em relação ao acesso à televisão e revistas) e o seu corpo. Os resultados apontaram para uma influência significativa da mídia na percepção

corporal dos jovens, os quais, embora reconheçam a natureza irreal das imagens veiculadas, ainda se sentem pressionados a se conformarem a tais ideais estéticos, indicando a complexidade da influência midiática na sua autopercepção corporal. O estudo realizado por Lira *et al.* (2017), por sua vez, demonstrou que as mídias, de forma geral, em especial as redes sociais, estão associadas à insatisfação quanto à imagem corporal entre adolescentes do sexo feminino, independentemente da classe social ou do nível de escolaridade, com maior frequência entre aquelas com sobrepeso e obesidade.

Compreende-se, pois, que tal problemática tem relação direta com a desinformação midiática, sobremaneira nas redes sociais, as quais não se limitam à propagação de notícias falsas (conhecidas como *fake news*), mas também podem se manifestar por meio da promoção de imagens corporais idealizadas e irrealistas (passando por um espectro variado de filtros), ou até mesmo alcançadas por meio de cirurgias e tratamentos que não são devidamente divulgados. Com efeito, esse tipo de desinformação pode acarretar uma série de implicações psicológicas relacionadas à imagem corporal.

Ora, se por um lado as redes sociais podem potencializar a exposição constante de imagens corporais aparentemente perfeitas e inatingíveis, gerando comparações negativas com o próprio corpo; por outro, é preciso reconhecer que tais mídias também podem impactar os usuários de forma positiva, a partir do compartilhamento de histórias de superação, solidariedade, amor próprio e aceitação. Nesse caso, as redes sociais estariam contribuindo para a valorização da diversidade corporal, reduzindo a pressão para se conformar a padrões irreais e, muitas vezes, prejudiciais.

Nesse sentido, considerando que a expansão das redes sociais transformou profundamente a maneira como interagimos com informações e imagens, redefinindo a percepção que temos de nós mesmos, este estudo busca mapear a produção de artigos científicos sobre a relação entre a autopercepção corporal e as redes sociais.

Desse modo, importa-nos acrescentar que o objetivo de mapear tais estudos caminha para a necessária compreensão da relação entre autopercepção corporal e as redes sociais, sobretudo, ao considerarmos o papel proeminente que as plataformas digitais assumiram na sociedade contemporânea. Assim, espera-se que os resultados atinentes aos artigos revisados possam reunir importantes pistas para o fomento de estudos futuros na área da Educação Física, bem como para o desenvolvimento de intervenções pedagógicas destinadas ao uso mais saudável das mídias sociais.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo se caracteriza como uma revisão sistemática da literatura, reunindo estudos primários. Sampaio e Mancini (2007) a definem como uma metodologia de pesquisa que sintetiza informações de estudos publicados sobre um tema específico, recorrendo a procedimentos explícitos e organizados para buscar, avaliar criticamente e sintetizar a literatura existente. Nesse sentido, esta pesquisa foi estruturada pela abordagem qualitativa, enfocando três aspectos centrais: a) definição de uma questão norteadora; b) fontes pré-estabelecidas; c) estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão.

Este estudo usou como fontes de buscas os principais periódicos nacionais da Educação Física, quais sejam: Revista Brasileira de Ciência e Movimento; “Motrivivência”, “Motriz”, “Movimento”; Pensar a Prática; Revista Brasileira Ciências do Esporte; Revista Brasileira de Educação Física e Esporte; e Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (LICERE). Na escolha dos periódicos, considerou-se o Qualis-Capes B2 ou superior, que reconhecidamente tenham impacto nos estudos da área e que tiveram como objeto de estudo a relação entre as redes sociais e a autopercepção corporal. Para tanto, foi estabelecida a seguinte questão norteadora: quais seriam as implicações das redes sociais na autopercepção corporal?.

O levantamento dos artigos ocorreu entre os anos de 2007 e 2023. Tal delimitação se justifica em decorrência da primeira publicação encontrada com o tema (em 2007) até a última busca (em 2023). As buscas foram realizadas com base nos seguintes descritores: “Redes Sociais”, “Imagem Corporal” e “Corpo”. Para tanto, estabelecemos os seguintes critérios de inclusão: foco na relação das redes sociais com a autopercepção corporal e manuscritos disponíveis em português e com acesso ao texto completo. Por outro lado, foram estabelecidos os seguintes critérios de exclusão: artigos de revisão, resumos de congressos, resenhas críticas, editoriais, bem como quaisquer artigos que não estivessem disponíveis integralmente em português ou que não investigassem especificamente a referida temática.

A primeira etapa desse levantamento foi realizada mediante leitura e análise dos títulos, resumos e palavras-chave de todos os artigos identificados, buscando avaliar a adequação desses estudos aos critérios supracitados. Em seguida, procedeu-se à leitura integral dos estudos contemplados, analisando os argumentos utilizados pelos respectivos autores dos estudos acerca do tema proposto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Artigos encontrados

Conforme ilustrado no Quadro 1, 6 artigos compõem a amostra desta revisão sistemática, com base nos critérios pré-estabelecidos de busca. Pode-se observar que as revistas “Movimento” e “Pensar a Prática” apresentaram maior volume de publicações relacionadas ao tema durante o período investigado, cada uma com dois artigos, enquanto a LICERE e a Motrivivência apresentaram apenas um artigo. Com relação à metodologia, as pesquisas se caracterizaram pela abordagem qualitativa, a partir do estudo de caso, pesquisa-ação, análise documental e/ou pesquisa teórica.

Quadro 1 – Informações referentes ao título, à autoria e à revista em que os artigos foram publicados

TÍTULO	AUTORIA	REVISTA
1. Entre corpos reais e virtuais: reflexões da dança contemporânea para pensar o corpo na educação física	Bezerra e Porpino (2007)	Pensar a Prática
2. Os “avatares” do corpo rascunho: experiências de jovens universitárias nas redes sociais	Jubé, Almeida e Neto (2014)	LICERE
3. O culto ao corpo e suas formas de propagação na rede social <i>Facebook</i> : implicações para educação escolar	Rigoni, Nunes e Fonseca (2017)	Motrivivência
4. Musas <i>fitness</i> e a tríade corpo-consumo-felicidade	Venturini <i>et al.</i> (2020)	Movimento
5. Sociedade de controle e redes sociais na internet: #saúde e #corpo no <i>instagram</i>	Leitzke e Rigo (2022)	Movimento
6. Mídia e medicalização do corpo e da saúde em mulheres praticantes de exercícios físicos em academia	Vieira e Manske (2022)	Pensar a Prática

Fonte: elaborado pelos autores.

Com base no quadro acima, constata-se que apenas um dos artigos ultrapassou os 10 anos de publicação, em 2007, denotando tratar-se de uma temática em franco crescimento de interesse acadêmico por pesquisadores/as brasileiros/as. Metade dos artigos identificados, por exemplo, tem apenas 5 anos de publicação, evidenciando a atualidade do tema.

3.2 A relação das mídias sociais na autoconcepção corporal

De forma geral, os resultados dos artigos apontaram para um conjunto de fatores que interferem na forma como os indivíduos se relacionam com o próprio corpo, cujas mídias

sociais possuem um lugar de destaque, reverberando na autopercepção corporal. A seguir, para situar o leitor, serão sintetizados os principais elementos presentes nesses artigos.

O estudo de Bezerra e Porpino (2007) se propôs a investigar a conexão da dança com a tecnologia, bem como as novas concepções que essa relação traz para o corpo, buscando entender de que maneira essa relação contribui para a compreensão do corpo na educação física. Para tanto, foi feita uma análise de imagens dos vídeos de dança “Digital brazuca” e “Corpo aberto”. Os autores destacam o interesse sobre a temática do corpo ao longo do tempo, tornando-se um importante objeto de conhecimento. Tendo a dança contemporânea como pano de fundo, os resultados do estudo destacam que a virtualização não apenas invade o corpo, mas se torna parte integrante dele. Assim, os corpos percorrem olhares que superam a fragmentação das abordagens teóricas mais conservadoras. Com essa fusão, a linha entre o real e o virtual se torna cada vez mais indistinta, desafiando nossa capacidade de distingui-los. Se, por um lado, precisamos lidar com uma certa perda de identidade; por outro, também é forçoso reconhecer a facilidade com que o corpo se projeta e a capacidade de estar em vários lugares ao mesmo tempo.

O estudo de Jubé, Almeida e Neto (2014), por sua vez, tem como objetivo compreender o papel do corpo na construção identitária de jovens universitários inseridos nas redes sociais, mais especificamente no *Orkut*, o qual foi descontinuado no mesmo ano do estudo, em virtude da crescente popularidade de outras redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*, por exemplo. No referido estudo, os autores analisaram a constituição de processos de interação por meio das comunidades do *Orkut* e de um aplicativo denominado de *BuddyPoke*, no qual se criavam avatares customizados que trocavam mensagens escritas. Para tanto, consideraram-se os conceitos que os indivíduos davam para seus corpos, isto é, como os representavam. Os resultados apontam que os jovens que compuseram o estudo usaram diversas ferramentas presentes nas redes sociais para representarem seus corpos, tendendo para uma supervalorização dos atributos físicos, visto que os sujeitos exercem papéis sociais que sugerem um estilo de vida ativo. Assim, os sujeitos se reinventavam para serem aceitos pelo outro, denotando que existe um corpo em construção no ambiente virtual, refletindo a preocupação com a imagem pessoal e com a aceitação dos outros.

De fato, alguns estudos atuais sugerem que a insatisfação com a autoimagem representa o principal distúrbio apresentado entre adolescentes, justamente um grupo que permanece cada vez mais conectado às redes sociais, afetando suas vidas em sociedade, especialmente em relação aos seus corpos e comportamento alimentar, levando a distúrbios

como a anorexia ou a busca incessante por corpos atléticos e “malhados” (Lira *et al.*, 2017; Silva, 2020).

A investigação empreendida por Rigoni, Nunes, Fonseca (2017), por sua vez, aborda o culto ao corpo por intermédio do *Facebook*, buscando entender como as práticas relacionadas à manutenção e intervenção da beleza influenciam a vida das mulheres que utilizam essa mídia social. Os resultados sugerem que o *Facebook* influencia seus usuários de formas variadas, a partir de padrões estabelecidos, sobretudo em relação ao público jovem. Nesse sentido, os autores defendem uma maior atuação dos professores de educação física na busca por soluções para ajudar os seus alunos que sejam usuários das redes sociais como o *Facebook*, instruindo-os a utilizarem a ferramenta de uma forma consciente, uma vez que a rede social pode impactar a imagem corporal dos seus usuários, seja de forma positiva, seja de forma negativa.

Destarte, concordamos com a necessidade e pertinência da promoção de uma educação midiática para os escolares, orientando-os sobre como analisar criticamente as mídias, questionando a autenticidade das imagens e das demais informações que consomem nas redes sociais. Afinal, conforme destacamos anteriormente, a problemática que está posta se relaciona com a desinformação midiática, a partir da disseminação de imagens corporais idealizadas e irreais, frequentemente manipuladas por filtros ou obtidas por cirurgias e tratamentos não divulgados.

O estudo de Venturini *et al.* (2020) conduziu uma análise sobre a produção das musas *fitness*, mapeando suas estratégias para atraírem seguidores e buscando compreender as relações entre as arquiteturas corporais e o consumo. Trata-se de uma etnografia virtual, a partir da qual as autoras acompanharam 9 mulheres no *Instagram* por três meses, utilizando observação e coleta de fotos e textos. Os resultados indicam diversos investimentos na criação de arquiteturas corporais por meio do consumo, direcionados à exposição dos corpos, à exibição pública da intimidade e à relação entre bens, serviços e produtos como condição para a felicidade.

A pesquisa supracitada concluiu que as musas *fitness* são celebridades que utilizam suas arquiteturas corporais para incentivarem seus seguidores a construírem seus corpos milimetricamente, de tal modo que tudo o que é postado tem como objetivo conseguir mais seguidores e incentivar um mercado consumidor de produtos, bens e serviços que construa esse corpo propagado pelas musas *fitness*. Essas mulheres vendem vidas perfeitas em todas as áreas da vida, levando seus seguidores a acreditarem que o corpo perfeito foi o que as ajudou

a alcançar essas conquistas. Elas afirmam que a exibição da arquitetura corporal leva a uma vida plena, na qual o consumo traz o corpo perfeito e o corpo perfeito traz a felicidade, reforçando constantemente o imperativo da tríade “corpo-consumo-felicidade” (Venturini *et al.*, 2020), além de denotarem a influência das redes sociais na autopercepção corporal.

O estudo de Leitzke e Rigo (2022) se propôs a analisar textos e imagens de 52 publicações no *Instagram* com as *hashtags* #saúde e #corpo, baseando-se na noção deleuzeana de sociedade de controle. A metodologia empregada é uma análise enunciativa de perspectiva foucaultiana. Os resultados indicam a presença de práticas relacionadas a técnicas de confissão, intervenção e manipulação do corpo, bem como estratégias de controle para a produção de saúde por meio da produção de verdades. Esses achados demonstram que as redes sociais atuam como estratégias de controle no século XXI, forjando os modos operantes de uma sociedade de controle em que as relações de poder constroem engrenagens que interligam o real e o virtual. Ademais, evidencia-se que a relação do homem com a *Internet*, mais precisamente com as redes sociais, deve ser objeto de diferentes estudos, incluindo a sua relação com a autopercepção corporal.

Finalmente, o estudo de Vieira e Manske (2022) buscou compreender como as mídias sociais influenciam a medicalização do corpo de mulheres praticantes de exercícios físicos em uma academia de Itajaí (SC). Para tanto, os autores recorreram a entrevistas coletivas com perguntas abertas, aplicando análise temática para a interpretação dos dados. Os resultados sugerem que as mídias digitais, especialmente as redes sociais, influenciam a medicalização do corpo feminino por meio de mecanismos específicos, variando suas ações e produções conforme as suas respectivas categorias geracionais. Assim, conclui-se que as mídias sociais contribuem para a lógica da sociedade de consumo, com destaque para produtos de beleza, incentivando a aquisição de serviços e produtos que enaltecem de forma irresponsável a busca pelo corpo perfeito, contrastando com a frequência de notícias sobre procedimentos estéticos que deram errado ou até mesmo que levaram ao óbito.

Em resumo, os achados correlatos aos estudos revisados apontaram a influência das redes sociais na autopercepção corporal, revelando como a interação entre o corpo e a tecnologia molda a identidade em múltiplos aspectos. Observou-se que a virtualização do corpo, a construção de identidades através de avatares e a influência das representações de beleza e *fitness* nas redes sociais contribuem significativamente para a formação de uma imagem corporal que oscila entre o real e o idealizado. Este fenômeno é especialmente perceptível na maneira como os usuários, particularmente jovens e mulheres, negociam sua

autoimagem em um ambiente digital cada vez mais dominado por padrões estéticos inatingíveis e práticas de consumo focadas no corpo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou mapear a produção de artigos científicos sobre a relação entre a autopercepção corporal e as redes sociais, uma vez que estas últimas se expandiram fortemente na sociedade contemporânea, trazendo consigo uma revolução nas formas de comunicação e interação social, além de impactarem de alguma forma a maneira como indivíduos e grupos percebem seus corpos.

Por um lado, ressalta-se que a *Internet* trouxe um conjunto de facilidades para a vida das pessoas, como, por exemplo, a democratização das informações, visto que atualmente se tem acesso a notícias acerca do que acontece em todas as partes do mundo. Por outro lado, pode-se articular que a *Internet* também nos apresentou algumas problemáticas que eram inexistentes nos séculos anteriores. Nesse sentido, não existem reflexões que problematizem o uso consciente das plataformas digitais, por exemplo, por parte de grandes filósofos da Antiguidade grega.

Esta revisão sistemática demonstrou um elemento comum entre os estudos: quanto aos fatores que influenciam o corpo, as mídias sociais têm um papel de destaque, uma vez que passaram a ser parte dominante no cotidiano das pessoas. Afinal, por meio das redes sociais, compartilhamos uma parte de nós com o mundo, tornando nossa identidade compartilhável e sociável. Assim, os recursos de compartilhamento de vídeos e fotos funcionam como um espelho; porém, diferentemente do espelho, que reflete a nossa imagem somente para nós, o espelho das redes sociais reflete a nossa imagem para o mundo. Logo, além de lidar com a nossa relação com a nossa própria imagem corporal, é preciso lidar com a opinião do outro.

Conforme demonstrado nos estudos analisados, as redes sociais nos apresentaram uma árdua tarefa de criar um corpo que se adeque a determinados padrões de imagem corporal impostos por uma cultura digital por meio de intervenções estéticas, cirurgias plásticas, dietas milagrosas, remédios da “beleza”, ou mesmo usando filtros e aplicativos de edição. Ou seja, nas redes sociais, o corpo parece ser visto como um produto que pode ser desfeito, remodelado, reconstruído e moldado.

Nessa seara, é importante destacar que o professor de educação física tem o desafio de instruir seus alunos sobre a importância de valorizar a diversidade corporal e resistir às

pressões para se conformar a padrões estéticos muitas vezes inatingíveis e prejudiciais, aceitando seus corpos com seus defeitos e qualidades.

Portanto, conclui-se que é fundamental promover uma espécie de educação midiática, combatendo a desinformação que, não raras vezes, é propalada nas plataformas midiáticas, a partir de imagens corporais idealizadas e irrealistas. Com efeito, constata-se que a autopercepção corporal influencia a forma como nos relacionamos com nosso próprio corpo e, por extensão, com o corpo do outro. Assim, sugere-se que novos trabalhos sejam realizados para que se compreendam outras relações existentes entre a autopercepção corporal e as redes sociais, incluindo uma análise comparativa dos efeitos de diferentes plataformas de redes sociais (como, por exemplo, *Instagram*, *TikTok* e *Facebook*) na autopercepção corporal de diferentes grupos.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, L. T. P.; PORPINO, K. O. Entre corpos reais e virtuais: reflexões da dança contemporânea para pensar o corpo na educação física. **Pensar a Prática**, Natal, v. 10, n. 2, p. 275-290, 2007.

CONTI, A. M.; BERTOLIN, T. N. M.; STELA, V. S. A mídia e o corpo: o que o jovem tem a dizer? **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 15, n. 4, p. 2095-2103, 2010.

GROGAN, S. **Body image**: understanding body dissatisfaction in men, women, and children. 3. ed. East Sussex: Routledge, 2008.

JUBÉ, C. N.; ALMEIDA, D. F.; NETO, A. F. Os “avatares” do corpo rascunho: experiências de jovens universitárias nas redes sociais. **Licere**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 1-30, mar. 2014.

LEITZKE, A. T. S.; RIGO, L. C. Sociedade de controle e redes sociais na internet: saúde e corpo no instagram. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, e26062, jan./dez, 2022.

LÉVY, P. **O que é virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LIRA, A. G. *et al.* Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 66, n. 3, p. 164-71, 2017.

RIGONI, A. C. C.; NUNES, F. G. B.; FONESCA, K. M. O culto ao corpo e suas formas de propagação na rede social facebook: implicações para educação escolar. **Motrivivência**, São Paulo, v. 29, n. esp., p. 126-143, dez. 2017.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Rev. Bras. Fisioter**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.

SANTOS, S. M. B. O papel do corpo na contemporaneidade, as novas patologias e a escuta analítica. **Revista Psicologia e Saberes**, v. 3, n. 3, p. 1-11, 2014.

SILVA, P. H. G. A influência da mídia na autoimagem de adolescentes: uma análise do discurso nas redes sociais. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 26, n. 76 supl., 2020.

SLADE, P. D. What is body image? **Behaviour Research and Therapy**, v. 32, n. 5, p. 497-502, 1994.

VENTURINI, I. V.; JAEGER, A. A.; OLIVEIRA, M. C.; SILVA, P. Musas fitness e a tríade corpo-consumo-felicidade. **Movimento**, v. 26, e26003, 2020.

VIEIRA, A. G. F.; MANSKE, G. S. Mídia e medicalização do corpo e da saúde em mulheres praticantes de exercícios físicos em academia. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 25, 2022.

Recebido em: 7 maio 2024.

Aceito em: 16 ago. 2024.